

Guaratiba 60 graus: o redesign da narrativa jornalística em plataforma¹

Ana Cecília Antunes Lima²

Isabela Lima Santos da Silva³

Rafaella Maria Thereza Menegale de Faria⁴

Sophia dos Santos Rosa Salles Cunha⁵

Ribamar José de Oliveira Junior⁶

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relacionar o Jornalismo Digital e o Webdesign a partir da apuração e edição da Grande Reportagem Multimídia (GRM) em plataforma. Para isso, analisamos o conteúdo da reportagem “Guaratiba 60 graus”, desenvolvida no site *Shorthand*, como atividade da disciplina de Webdesign no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Defendemos que o design da notícia promove a realocação do valor-experiência, antes centrada no repórter, em direção ao leitor/usuário, de modo que expande a narrativa transmídia na partilha da informação em plataforma.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo ambiental; reportagem; webdesign; transmídia; plataforma.

JORNALISMO, WEBDESIGN E PLATAFORMA

Como contar mais histórias no jornalismo online? A partir dessa questão, buscamos repensar os lugares da reportagem no cenário digital, considerando as técnicas e os princípios do Webdesign. Para tanto, trazemos a experiência da Grande Reportagem Multimídia (GRM) na disciplina de Webdesign do curso de Jornalismo da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Diante dos processos de apuração, hierarquização e edição da pauta jornalística, refletimos sobre o valor-experiência (Longhi; Caetano, 2019) da informação a partir de um jornalismo sensorial entre leitor/usuário, fonte e repórter. Nessa relação, nos interessa mais a experimentação do fazer jornalístico do que a interpretação do acontecimento, uma vez que a reportagem desliza não só pela tela, mas se expande na própria narratividade entre texto, som, imagem, vídeo e elementos gráficos.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 19 Plataformas Digitais, Narrativas e Resistências, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: ana.lima@discente.eco.ufrj.br.

³ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: isabela.silva@discente.eco.ufrj.br.

⁴ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: rafaella.faria@discente.eco.ufrj.br.

⁵ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: sophia.cunha@discente.eco.ufrj.br.

⁶ Professor do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: ribamar.junior@eco.ufrj.br.

Nesse caso, analisamos o conteúdo (Bardin, 2011) da reportagem “Guaratiba 60 graus”⁷ produzida pelas alunas Ana Cecília Antunes, Isabela Lima, Rafaella Menegale e Sophia Cunha e desenvolvida na plataforma *Shorthand* sob orientação do professor Ribamar Oliveira. Com o gancho da 19ª reunião da cúpula do G20, que ocorreu entre 18 e 19 de novembro de 2024, na cidade do Rio de Janeiro, tomamos como base a “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, composta por 17 objetivos e 169 metas⁸, alinhados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Diante desse assunto, pautamos o recorde de 62,3°C de sensação térmica, sinalizado pelo Sistema Alerta Rio no dia 16 de março de 2024, em Guaratiba, Zona Oeste da capital. A equipe de reportagem foi até o bairro para ouvir histórias de trabalhadores locais que enfrentam o sol na sua rotina.

Do ponto de vista teórico, exploramos o campo da Comunicação no digital, relacionando o jornalismo online, o webdesign e a narrativa transmídia com o gênero da reportagem. No contexto da plataforma, utilizamos a ideia de cultura da convergência (Jenkins, 2009) para repensar o consumo da narrativa transmídia na estética do meio digital (Murray, 2003). O foco dessa abordagem foi tatear novas formas da arquitetura noticiosa (Canavilhas, 2007) na ambiência do *Shorthand*, pensando a usabilidade (Nielsen, 2007; Garret, 2011) em sintonia com a estrutura básica do Webdesign e com a responsividade do meio. Do ponto de vista prático, dividimos o grupo por função, de acordo com as afinidades midiáticas das integrantes, articulando a ideia de coautoria no “design da informação” (Oliveira; Araújo, 2017). O lugar do *longform* (Longhi; Winkes, 2015) no jornalismo online pode ser de sensorialidade, sobretudo, na construção de um espaço cada vez mais fluido e de uma leitura mais imersiva. Cabe então perguntar: de que maneira as histórias de Guaratiba ecoam e servem de exemplo para pensar no impacto da plataforma na narrativa jornalística?

GUARATIBA 60 GRAUS: UMA REPORTAGEM DE SOL, TERRA E MAR

No caderno, sol, terra e mar. Na apuração, 33,9°C. Na reportagem “Guaratiba 60 graus”, consideramos a convergência a partir da relação entre o conteúdo jornalístico e a

⁷ Guaratiba 60 graus. Disponível em:

<<https://preview.shorthand.com/WqEJLi75QNWqwrV0/responsive/desktop>> Acesso em: 16 de abr. de 2025.

⁸ Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em:

<<https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>> Acesso em: 16 de abr. de 2025

plataforma, buscando um leitor imersivo em dois canais distintos: o *Shorthand* e a *Rádio UFRJ*⁹. Para além dos veículos, no contexto do jornalismo digital, é fundamental fazer a arquitetura e a escrita da notícia se adaptarem a diferentes meios. Ainda, é importante que a notícia seja multimídia para aprofundar a visão do leitor na experiência do texto, principalmente se tratando do estilo *long form*, que, por si só, provoca imersão em diferentes níveis (Longhi; Winkes, 2015).

Buscamos explorar a multimídia através das fotografias dos personagens e vídeos das paisagens. Esse conteúdo audiovisual interage com o texto, como forma de complementá-lo e de transportar o leitor para o cenário da pauta. Os hiperlinks também são um elemento chave para essa multimídia, possibilitando o aprofundamento e a interligação de diferentes conteúdos (Ventura; Ito, 2016). A hipertextualidade nos permitiu conectar o leitor às nossas fontes. Para convergir diferentes formatos, criamos uma tabela complementar indicando os pontos do plano da Prefeitura e, ao final, indicamos quais Objetivos de Desenvolvimento Sustentável se relacionavam com a reportagem.

No planejamento visual, a noção dos princípios básicos do design (proximidade, alinhamento, repetição e contraste), como categorizados por Williams (1995, p. 14), foi imprescindível. Inicialmente, pensamos que esses conceitos nos ajudariam a criar um resultado agradável esteticamente. Porém, logo percebemos que o uso dessas técnicas visuais atravessaria muitos outros aspectos da reportagem. Estávamos organizando a pauta com elas em mente e, aos poucos, novas camadas de sentido foram se formando. Os blocos “O Sol”, “A Terra” e “O Mar” foram dispostos tanto pela lógica de proximidade em relação ao trabalho no bairro, quanto pela relação gráfica desses elementos narrativos.

No tratamento textual, utilizamos a “Arquitetura não-linear” (Canavilhas, 2014). Começamos com um parágrafo narrativo e literário, em que contextualizamos o local principal da reportagem. Na escrita do material bruto compartilhado, posicionamos cada elemento no esqueleto da plataforma, moldando todo conteúdo a partir de cada bloco temático.

⁹ Rio 60 graus e os desafios da governança. Disponível em:
<<https://radio.ufrj.br/programas/radio-ufrj-informacao-conhecimento/64737319>> Acesso em: 16 de abr. de 2025.

Diante do conceito de “cor-informação” (Guimarães, 2002), criamos uma divisão gráfica entre esses blocos. Cada um dos matizes utilizados tem ligação direta com a mensagem que pretendemos transmitir com a reportagem. Geramos uma cartela por meio da Inteligência Artificial *Coolors*, com base nas ideias que tivemos. Mas, a resposta não nos convenceu. Editamos a paleta da mesma forma que editamos nosso texto: discutindo em conjunto, como se os tons de verde `#2c5e34`, `#2f7f33` e `#4cae4f` fossem palavras sinônimas em uma frase e tentássemos eleger a mais compatível com o que queríamos comunicar.

O fundo verde no início da matéria cumpre o papel de uma cor neutra quando comparada às seguintes e toma como inspiração a vegetação pintada na parede da Casa da Paella. O amarelo remete, imediatamente, à cor-luz emitida pelo Sol. Na forma de cor-pigmento, é considerada uma cor quente, o que conversa com a temperatura relatada no texto. A fonte, antes na cor branca, assume um tom de azul escuro. O contraste maior contribui para a legibilidade do texto. Na parte de título “A Terra”, o cinza prevalece, simbolizando o chão asfaltado. A referência à pavimentação se conecta com a dureza da pauta, que trata de condições precárias de trabalho e de uma infraestrutura urbana que não contribui para o bem-estar da população.

O laranja do box de informação sobre a ONG Casa de Vó, inspirado no uniforme do gari, traz de volta o calor e chama a atenção. O alerta diz respeito às condições de sobrevivência alarmantes de pessoas em situação de rua diante das mudanças climáticas na Zona Oeste. Ao fim da seção “A Terra”, o laranja e o cinza se encontram no ícone que representa o vapor saindo do asfalto. Calor e solidez, urgência e planejamento. A divisão “O Mar” é azul. Além das ondas, nos remete à pesca, à fachada do Mercado de Peixe e às janelas da Colônia Z14. A fonte, ao invés de branca, como nas outras áreas de fundo escuro, é amarela. Resgata os raios solares que incidem sobre a pele dos trabalhadores do mar e derretem o gelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao prezar por um jornalismo socioambiental comprometido com as demandas políticas do G20, captamos como diferentes pessoas do bairro de Guaratiba e da Zona Oeste resistem fisicamente ao aquecimento global (ODS 13). Essa “agenda verde” foi representada pela explicação do geógrafo Andrews Lucena sobre os processos de

mudanças climáticas. Para além dessa pauta, tratamos de questões da “agenda marrom”, ao abordar o planejamento urbano (ODS 11), com a entrevista da engenheira civil Denise Duarte, e da “agenda azul” (ODS 14), ao trazer a visão dos pescadores Alexander Correa, Dinho da Pesca e André Mesquita. Também investigamos sobre as políticas públicas existentes para as pessoas em vulnerabilidade (ODS 10) e o impacto do calor extremo na saúde e bem-estar dos trabalhadores (ODS 3), conversando com a bióloga Louise Schiatti.

Para Luft (2015, p. 47), o conceito de meio ambiente no jornalismo ambiental “deve transcender a visão reducionista do binômio fauna e flora, e se expandir em direção às interações sociais”. Assim, evitamos abordar fenômenos climáticos atuais sem relacionarmos com os impactos antrópicos que os geram, resistindo a uma situação muito comum nos noticiários cotidianos. Por isso, utilizar uma arquitetura que tem como prioridade o contexto da notícia foi uma decisão alinhada à pauta socioambiental escolhida. De acordo com Bueno (2007), ao contrário do que é feito por muitos veículos que prezam por autoridades, em uma reportagem ambiental é necessário buscar fontes para além das oficiais, a fim de incluir as experiências de pessoas comuns como protagonistas da narrativa.

Na relação entre Webdesign e Jornalismo Digital, encontramos uma maneira não só de ouvir, mas de redesenhar a atmosfera da pauta com as fontes e com os recursos da plataforma. Evidentemente, enfrentamos as limitações do *Shorthand* e também de uma experiência laboratorial em um semestre letivo. Contudo, acreditamos no engajamento com o jornalismo em profundidade no presente. O redesign da notícia jornalística aparece como uma forma de pôr em questão a justiça climática e incitar novas resistências, tendo em vista o impacto da plataforma na construção narrativa. Ao terminar a reportagem multimídia, voltamos à Casa da Paella, onde a pauta começou. Nos colocamos, por apenas um dia, no local onde a vida resiste à sensação térmica que queima a carne e a pele indiscriminadamente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom/UBI, 2007, p. 3-25.

GARRETT, J. J. **The elements of user experience: user-centered design for the web and beyond**. Berkeley: New Riders, 2011, p. 9-12.

GUIMARÃES, L. **A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbiologia das cores**. São Paulo: Annablume, 2002.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LONGHI, R. R.; CAETANO, K. Valor-experiência no contexto do jornalismo experiencial. **Galáxia**, n. 42, p. 0082-0095, 2019.

LONGHI, R. R.; WINQUES, K. O lugar do *longform* no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian journalism research**, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015.

LUFT, M. S. **Jornalismo Ambiental na Amazônia: as fontes de informação na cobertura dos desmatamentos no jornal O Liberal do Pará**. Curitiba: CRV, 2015.

MURRAY, J. H. **Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultura/UNESP, 2003.

NIELSEN, J. **Usabilidade na Web**. São Paulo: Elsevier Brasil/Editora Campus, 2007.

OLIVEIRA, E. A.; ARAÚJO, J. L. Design de notícias no curso de Jornalismo: uma experiência de ensino a partir do design da informação. **InfoDesign: Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 14, n. 2, 2017.

VENTURA, M.; ITO, L. Inovação no jornalismo brasileiro: o caso das reportagens multimídia TAB, do Uol. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 17, n. 35, p.121-134, nov. 2016.

WILLIAMS, R. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. São Paulo: Callis, 1995.